



Economia Solidária e Feminismo Camponês Popular Agroecológico: arranjos e rearranjos do Grupo de Mulheres Biojoias Duá

Gislaine da Nóbrega Chaves; Doutora em Educação; Universidade Federal da Paraíba (UFPB); e-mail: gislaine.chaves@academico.ufpb.br; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3977306388323750>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3513-5963>

Linha de Pesquisa II: Sociedade, Economia e Construção do Conhecimento.

1 Introdução

No Brasil, a Economia Popular Solidária (ECOSOL) tem impactado a qualidade de vida de trabalhadores/as em situação de vulnerabilidade social como uma importante política pública, disseminando-se no campo e na cidade. Paradoxalmente, o movimento pela Economia Solidária (Laville; Gaiger, 2009) tem recrudescido e ocupado espaços em todo o mundo. A ECOSOL pode ser compreendida como uma alternativa às práticas econômicas utilitaristas presentes no sistema capitalista de produção, tendo como algumas de suas características a autogestão, a cooperação, a sustentabilidade e a valorização do trabalho humano.

Este estudo analisa resultados parciais de um projeto de extensão¹ iniciado no período de 2021-2022 e retomado em 2024-2025, posto que, naquela ocasião, a pandemia apresentou limites ao trabalho com dois grupos de mulheres. Na nova edição do projeto, retomaram-se os contatos com o Grupo de Mulheres Biojóias Duá, residente no Quilombo Ipiranga (Conde-PB). O Grupo produz biojoias com realce à ancestralidade, à cultura e ao meio ambiente.

Vale destacar que as mulheres social e economicamente desfavorecidas se constituem em

¹ UFPB no combate à COVID-19: o Protagonismo das Mulheres do Campo Quilombolas na Economia Popular Solidária e o seus Fazeres Educativos (2021-2022). O Protagonismo das Mulheres do Campo Quilombolas na Economia Popular Solidária e o seus Fazeres Educativos (2024-2025).

uma das categorias preferenciais da Ecosol, pela sua condição de gênero, que, não raramente, vivencia situações cotidianas de violência naturalizada pela cultura racista, androcêntrica e patriarcal.

A abordagem da pesquisa qualitativa propiciou compreender as dinâmicas internas do Grupo de Mulheres Biojoias Duá, seus arranjos e rearranjos na transição do período da pandemia para o pós-pandemia, a partir do protagonismo de Analúcia Rodrigues do Nascimento conhecida, popularmente, como Mestra Ana do coco.

Desse modo, a pergunta que norteou a pesquisa foi a seguinte: quais estratégias foram adotadas pelas mulheres da comunidade para resistir a esse período atípico da vida humana, mas, principalmente, na transição para o pós-pandemia? Portanto, objetivou-se trazer elementos para contribuir com a reflexão acerca da relação entre a ECOSOL e o Feminismo Camponês Popular Agroecológico, uma vez que a mulher camponesa luta por terra, mas também por uma vida com dignidade, havendo necessidade de reconhecimento e valorização do seu trabalho.

2 Referencial teórico

A expressão Economia Solidária possui uma abrangência conceitual, que contempla empreendimentos com diversas tipologias desdobradas em práticas associativistas ou em cooperativas de produção, comercialização, consumo e/ou prestação de serviços. O movimento de economia solidária, compreendido como alternativa ao modo de produção capitalista, conforme Singer (2002), pressupõe a propriedade coletiva ou associada do capital, e o direito à liberdade individual, ou seja, uma economia praticada entre iguais, ao invés do contrato entre desiguais, que gera solidariedade e igualdade. Nesse sentido, educa pela participação nas discussões e decisões coletivas, liberta das amarras da submissão construídas desde a infância, na escola e na família patriarcal, e contribui para irmanar iguais, fortalecendo suas lutas emancipatórias e favorecendo a autogestão (Singer, 2002).

Ao abordarem as diferentes perspectivas teóricas que envolvem a Ecosol, Gontijo e Paula (2019, p. 5) afirmam que diferentes termos significam diferentes projetos em disputa, resultando nas perspectivas revolucionária e liberal, sintetizadas nas abordagens crítica, “[...] que busca transformação social ampla, ligada à ideia de autonomia, e que ultrapassa o aspecto econômico para alcançar também as esferas política, cultural, ambiental, de gênero etc.”, e neoliberal “[...] que se restringe à renda e capacidade de consumo, de reprodução do capital, tendo como foco a questão econômica”.

Na perspectiva de uma Economia Solidária crítica, considera-se o contexto mais amplo que envolve a existência de distintos projetos em disputa no campo, implicando em diferentes organizações do território; “o agronegócio organiza seu território para a produção de mercadorias, o grupo de camponeses organiza seu território, primeiro, para a sua subsistência, precisando desenvolver todas as dimensões de sua vida” (Fernandes, 2008, p. 40). Vale destacar que nas dinâmicas econômicas, as mulheres, geralmente, comercializam produtos que não representam ganhos expressivos, a despeito de que no campo elas participam de praticamente todas as atividades produtivas. Embora as biojoias não se apresentem como um gênero de primeira necessidade, revelam um potencial significativo carregado de ancestralidade, luta, resistência e história em sua relação com o meio ambiente.

A proposta contida no feminismo camponês popular traz consigo a agroecologia como princípio orientador. Dessa forma, “a agroecologia é tanto uma *ciência* quanto um conjunto de práticas” (Altieri, 2012, p. 15 *apud* Caldart, 2016, p. 2) e se perfila aos pressupostos da Ecosol, como se depreende do trecho abaixo:

Agroecologia pressupõe que não há exploração de mulheres, nem dos negros, nem dos povos indígenas e dos segmentos LGBTs. Não basta estar livre dos transgênicos e dos agrotóxicos. É preciso que esteja limpo das relações exploratórias de poder. Sem essa dimensão não há agroecologia. Por isso, vivemos um momento de transição agroecológica, por que os direitos das mulheres ainda não são respeitados. É preciso a superação de todas as formas de poder e violência que os homens têm sobre as mulheres para vivermos de fato a agroecologia e uma sociedade mais justa e igualitária. O feminismo camponês vem trazer isso: sem o direito das mulheres e o respeito é impossível se viver a agroecologia (Medeiros, 2016).

Faz-se necessário situar a expressão “mulher camponesa”, que envolve uma gama muito variada de categorias necessárias ao fortalecimento das pautas comuns do campo em movimento. Assim, como ressalta Calaça (2021, p. 30),

Na construção da Cloc [Coordenação Latino-Americana das Organizações dos Povos do Campo] e do MMC [Movimento de Mulheres Camponesas], camponesa é uma categoria que reúne diversas formas de ser e viver no campo, na floresta e nas águas. São agricultoras, pescadoras, indígenas, quilombolas, arrendatárias, sem terras, assentadas da reforma agrária, extrativistas, quebradeiras de coco e praticantes de diversas outras identidades.

O feminismo camponês está sendo construído por mulheres camponesas, a partir de suas experiências, de seu cotidiano, de seu modo de vida, de sua organização, de sua formação e de suas lutas, portanto é diverso e com questões étnico-raciais distintas e com acesso a recursos naturais e materiais diferenciados, resultado de ações individuais e coletivas para

enfrentar as desigualdades e lutas por melhores condições de vida (Calaça, 2021).

A abordagem do feminismo camponês emerge da luta das mulheres camponesas e compreende que a agroecologia se relaciona à vida, às práticas construídas na agricultura familiar camponesa, a exemplo da seleção e diversificação de sementes, na criação de animais de pequeno porte, na agregação de valor à produção, no uso e divulgação de plantas medicinais, mas também na educação e na ciência. Sob esse prisma, “a agroecologia estuda a vida e fundamenta a opção por uma agricultura a favor da vida” (Caldart, 2016, p. 5), com mais equidade de gênero no campo e valorização da vida como um direito humano.

Estão no centro das demandas das mulheres camponesas a seguridade social, a luta por direito à terra, por alimentação saudável, pela manutenção da biodiversidade, pelo enfrentamento à violência doméstica; condições necessárias para que as mulheres camponesas possam fortalecer sua autonomia. Além disso, existe o compromisso com um projeto contra hegemônico, de produção agroecológica, que valoriza o vínculo com o território, a centralidade na produção sem agrotóxicos, na preservação do território e das fontes de água (Entrevista concedida por Rosângela Piovizani à Ísis Menezes Táboas, 2018).

É com base nessa abordagem, que, Maria Madalena de Medeiros destaca a relação entre feminismo camponês, agroecologia e ECOSOL, destacando que o primeiro não pode estar dissociado da auto-organização das mulheres, da autonomia dos povos, da soberania alimentar, dos direitos humanos e da ECOSOL:

Ele necessita estar associado à economia solidária, porque o capitalismo é um sistema que está baseado nas relações desiguais. Por isso o feminismo camponês tem que estar associado à agroecologia e à economia solidária, que têm na autogestão, o respeito à democracia e às relações iguais, e o direito de todos decidirem. Sem esses modelos e sem essas referências e princípios, não podemos vivenciar e avançar na construção do feminismo camponês.

Existem dois campos distintos na organização da produção econômica, a partir de diferentes relações sociais. Na ótica dos capitalistas, há uma ênfase na produção de mercadorias, cuja finalidade é o lucro. Na perspectiva dos/as camponeses/as, considera-se a produção voltada para as subsistências que resultam de sua relação com as diversas territorialidades, a exemplo da economia, da política e da educação. Nesse contexto, tem-se como expressão dessa territorialidade a luta das mulheres camponesas por trabalho, com seus pequenos empreendimentos autogestionados carregados de identidade, ancestralidade e criatividade, necessitando de reconhecimento e valorização.

3 Metodologia

As inspirações do percurso metodológico partiram da pesquisa qualitativa (Deslandes, Cruz Neto, Gomes, Minayo, 2002; Gil, 2002), por possibilitar uma maior

interação entre os sujeitos da pesquisa, com registro de concepções, emoções, sentidos e significados da imersão do/a pesquisador/a no campo. Para isso, o diário de campo se constituiu no principal instrumento de registro do vivido, do sentido e do refletido, considerando também a abordagem (auto) biográfica. Para Oliveira (2014, p. 73-74),

Nele, podem ser registradas tanto as perspectivas que o/a pesquisador/a tem ao iniciar a pesquisa como as diversas teias que envolvem cada momento, do campo de pesquisa/lócus ao diálogo com os escritos que emergiram das diversas observações.

Assim, o diário de campo, aguça a capacidade de o/a pesquisador/a relacionar teoria/prática, além de propiciar reflexões sobre o próprio exercício de pesquisa, redirecionando o seu olhar acerca do campo, do que as mulheres fazem nele e como se relacionam. A partir das observações e diálogos estabelecidos com algumas mulheres no Quilombo, no período de agosto a novembro de 2024, foram elaborados alguns diários de campo, que estão em processo de organização e serão abordados, oportunamente, pela bolsista Mônica Fonseca da Mota².

O modo de atuar no campo seguiu a perspectiva da educação popular (Freire, 1987; Sales, 2001), considerando a cultura comunitária e seu gosto por se reunir em roda e tratar de seus assuntos em conversas informais. Os princípios da participação nas atividades de campo e a dialogicidade (Freire, 1987), possibilitaram desconstruir os lugares comuns das aparências, quando se consegue colocar à escuta da cultura das Outras.

A imersão do/a pesquisador/a no campo, ao modo do exercício antropológico, possibilita o aprofundamento das sínteses interpretativas dos dados parciais, que está acostada na análise de conteúdo, inspirada em Bardin (1979), por favorecer a organização dos dados em eixos temáticos, seguindo categorias classificatórias e analíticas em diálogo com o referencial teórico.

Desde a primeira edição do projeto extensionista, foram tomados os cuidados éticos necessários para a execução de ambos os projetos, com o preenchimento de uma declaração expedida pela Pró-Reitoria de Extensão e Coordenação de Programas de Ação Comunitária da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

² Discente do Curso de Pedagogia (com área de aprofundamento em Educação do Campo).

4 Resultados e Discussão

A pandemia evidenciou ainda mais o aprofundamento das desigualdades sociais, fazendo-se necessários novos arranjos e rearranjos nos espaços de vivências comunitárias, especialmente no campo da produção, consumo e comercialização de produtos. É notório o quanto a pandemia impactou o Grupo de Mulheres Biojóias Duá, tendo em vista a inexistência de uma política pública eficaz que sustentasse a produção e comercialização das biojóias produzidas pelas mulheres. Abaixo, tem-se uma biojoia produzida pelo grupo:

Figura 1 – Biojoias Duá



Fonte: Produção da autora (2024)

O colar da Imagem 1 foi elaborado com materiais orgânicos, a exemplo das sementes do café beirão, do açaí e com peças de madeira. A *mucuna pruriens* (Moura, 2020), mucuna preta ou café beirão, utilizada pelas mulheres como base para a produção de biojóias, é uma planta da família das leguminosas com frutificação em vagem. Uma biojoia é mais que um ornamento e quem adquire esse artefato cultural traz consigo história e identidade, além de uma relação mais humana com o meio ambiente.

É fato que, no Quilombo Ipiranga, a pandemia desarticulou as práticas desenvolvidas pelo grupo de mulheres, no entanto o protagonismo da Mestra Ana do coco contribui para avivar, em outras mulheres e na comunidade, a história do povo quilombola, sua ancestralidade, seu conhecimento acerca da saúde, da cultura e da economia local.

Analúcia Rodrigues do Nascimento (2021), em mensagem pelo *WhatsApp*, reverencia sua ancestralidade, quando traz à tona aspectos culturais relacionados à simbologia contida na logomarca do Grupo de Mulheres Biojóias Duá:

Figura 2 – Logomarca Biojoias Duá



Fonte: Domínio público.

A palavra Duá vem de duas, que foram as duas negras que fundaram o quilombo, Torquata e Silivera, aí resolvemos tirar o S para dar sinônimo de unidade, e o assento agudo porque quase todas as palavras africanas têm acento agudo. E aí tem esse símbolo do colar, que são essa correntezinha, que ao mesmo tempo que é uma corrente, também é o símbolo dos nossos cabelos afro. Essas duas sementes é o café beirão, que é uma semente que nós localizamos aqui no quilombo, que é a semente que deu origem à nossa logomarca e elas duas estão finalizando o colar, e aberta para dar sinônimo de liberdade. Então, por isso, a palavra Duá.”

Dos ensinamentos de Nascimento (2021), percebe-se uma outra relação entre as mulheres do Grupo Biojoias Duá, já que a unidade e a liberdade estão postas no enfrentamento ao racismo e à cultura patriarcal, no Grupo e na Ecosol, como elementos educativos. Na logomarca, ela faz menção ainda à linguagem e aos cabelos afros, ressignificando-os, como elementos importantes nessa construção identitária.

Evidencia-se, portanto, que se tem muito a aprender com essas lições presentes nos processos organizativos das mulheres quilombolas. O feminismo, na realidade camponesa se expressa de diversas formas, em diversos coletivos de produção, com fins de comercialização. Desse modo, favorece a saída da invisibilidade, as aprendizagens relacionadas aos ganhos, fruto do seu trabalho, tornam-se fontes de inspiração no que fazem e ampliam seus horizontes, quando saem do espaço doméstico para narrarem suas experiências de trabalho e/ou conhecerem outros coletivos de produção (Calaça, 2021).

A Mestra Ana, professora aposentada, compõe um núcleo familiar formado por mulheres e homens que tomaram a cultura popular um legado geracional. Ademais, sua mãe, Mestra Lenita (*in memoriam*), e sua tia, a Professora Lina Rodrigues do Nascimento (*in memoriam*), marcaram sobremaneira suas escolhas pela arte musical e pela docência. “A Mestra recebe crianças no Quilombo e, embaixo de uma mangueira, conta a história do povo quilombola com a alegria e a generosidade de quem conhece muito bem as narrativas da história oficial” (Diário de campo, 2024).

Algumas estratégias foram adotadas pelos grupos de mulheres durante a pandemia, a

exemplo da intensificação do uso das redes sociais para favorecer a comercialização de produtos. Nesse período, o uso do *Whatsapp*, mas, principalmente, do *Instagram* apresentou-se como uma das estratégias ao enfrentamento da pandemia. Após a pandemia, a organização autônoma das mulheres em eventos culturais, no próprio Quilombo, tem favorecido a comercialização das biojoias.

5 Conclusões

Em diversos espaços do Quilombo – na comunidade, na EMEIEF José Albino Pimentel, no Museu Ipiranga e nas festas do coco de roda –, a história de luta e resistência do povo negro do campo é narrada e tornada viva na memória de crianças e jovens da comunidade. Esse movimento cultural e político articulado demonstra o quanto é relevante e inspirador o papel da liderança da Mestra Ana do Coco.

Para que a comunidade acesse às políticas públicas existentes, faz-se necessário que elas sejam elaboradas, acompanhadas e avaliadas de maneira dialógica. Ademais, considerar os recortes de gênero, de classe e de raça constitui-se em uma reparação histórica ao povo quilombola. No Quilombo, as mulheres decidiram por sua autonomia, compreendendo que o traçado atual não lhes favorece e não contribui para dinamizar sua economia, de suas famílias e da comunidade da qual fazem parte.

6 Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CALAÇA, M. Feminismo camponês popular: contribuições à história do feminismo. **RURIS** (Campinas, Online), Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 29–66, 2021.

CALDART, R. S. **Escolas do Campo e Agroecologia: uma agenda de trabalho com a vida e pela vida**. 2016. Disponível em: https://www5.unioeste.br/portalunioeste/arq/files/GEFHEMP/01_-_Escolas_do_Campo_e_Agroecologia.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.

DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

FERNANDES, B. M. **Educação do campo e território camponês no Brasil**. In: SANTOS, C. A. dos. (Org.). *Por uma educação do campo: campo, políticas públicas, educação*. Brasília: Incra, MDA, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 07 jul. de 2024.

GONTIJO, F. M. C.; PAULA, A. P. P. de . Os sentidos da economia solidária: reflexões sobre um curso de formação. **Educ. Pesqui.** vol.45 São Paulo 2019 Epub Apr 08, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022019000100523&script=sci_arttext#B48. Acesso em: 12 fev. 2021.

MEDEIROS, M. M de. O que é Feminismo Camponês? [Entrevista cedida a] **Fabiano Cordeiro César. Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas CCA**, Minas Gerais, 30 nov. 2016. Disponível em: <https://www.caa.org.br/biblioteca/noticia/o-que-e-feminismo-campones>. Acesso em: 12 mar. 2021.

MOURA, T. M. **Mucuna pruriens (L.) DC.** Disponível em: https://www.ggbn.org/ggbn_portal/search/result?fullScientificName=Mucuna+pruriens+%28L.%29+DC. Acesso em: 19 dez. 2024

OLIVEIRA, R. de C. M. de. (Entre)linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos.** v. 2, n. 4, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059>. Acesso em 20 ago. 2024.

SALES, I. da C. Educação popular: uma perspectiva, um modo de atuar. *In*: MELO NETO, J. F.; SCOCUGLIA, A.. **Educação: outros caminhos**, João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2001.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.